

Índice

Incentivos à natalidade: em busca da fórmula mágica	1
Atitudes que ajudam na transmissão da fé aos filhos.....	2
Ensino: falsa alternativa entre memória e competências	3
“La mesa católica”	4
“Sempre Perto de Ti”	5

Incentivos à natalidade: em busca da fórmula mágica

As estimativas do número de nascimentos em vários países apontam para uma queda progressiva, [acentuada pela pandemia](#) (“Aceprensa”, 8.3.2021). Perguntámos a dois especialistas sobre as possibilidades de reverter a situação.

Indo além da conjuntura atual, por que cada vez nascem menos bebés? Muitas explicações colocam o acento na crise económica. Contudo, para Santiago Carbó, catedrático de Economia da Universidad de Granada e Diretor de Estudos do Funcas, não é o único condicionamento. Também se deve ter em conta as “abordagens culturais que ganham raízes com o tempo” e os incentivos à natalidade.

“Não existe uma relação claramente estabelecida entre taxa de natalidade e ciclo económico”, explica. “Em Espanha, caiu durante os anos 80 e primeira metade dos 90 do século passado, aumentou depois nos finais desses 90 até à crise financeira e voltou a cair depois. Nos últimos anos, continuou a cair apesar da redução do desemprego, talvez porque, precisamente, se trata de empregos menos estáveis”.

Quanto aos diversos incentivos, Carbó considera que, em Espanha, têm um efeito publicitário. “As medidas de incentivos mais convencionais (aumento das semanas de baixa tanto maternal como paternal e prestações por cada filho a cargo) parecem ter tido algum efeito positivo em Espanha, mas um

efeito que parece dissipar-se quando a medida está em vigor há já alguns anos”.

Também assinala um desequilíbrio na opinião pública. “No debate público, fala-se pouco dos jovens e de temas de natalidade; tudo gira quase sempre sobre pensões, que açambarcam igualmente toda a atenção política”.

Carbó reclama um sistema mais profundo de incentivos, com ajudas combinadas. É o que estão a fazer os países mais ativos no fomento da natalidade, como a França e a Suécia. Como aspeto essencial do sucesso destas medidas, salienta “a sua manutenção no tempo. Esperou-se até ver resultados, houve paciência”.

Embora ainda não tenha sido encontrada “uma fórmula perfeita” de medidas combinadas para impulsionar a natalidade, este especialista considera que “a possibilidade de horários para conciliar vida laboral e familiar, a gratuidade do ensino infantil e os incentivos fiscais parecem ser uma combinação relativamente eficaz”.

Sobre a conciliação entre trabalho e família, consultámos María Teresa López López, professora honorária da Universidad Complutense de Madrid e ex-diretora da Cátedra Extraordinaria de Políticas de Familia nessa universidade. López defende que determinadas medidas, como as licenças de maternidade e paternidade, “estão orientadas para a busca de igualdade de comportamentos entre homens e mulheres”. Dessa maneira, afirma, “está a evitar-se reconhecer que as desigualdades não provêm somente do facto de ser homem ou mulher, mas – e sobretudo – do facto de serem mães, levando a uma dupla

desigualdade neste grupo de mulheres, por serem mulheres e também por serem mães”.

Para esta especialista em políticas sociais e de família, que foi a primeira decana da Facultad de Ciencias Económicas y Empresariales da Universidad Complutense, “a maternidade tem vindo a gerar desigualdades que se deve proteger, porque a mãe experimenta uma realidade biológica que o pai não experimenta”.

Tendo em conta o último Inquérito de População Ativa, López comenta: “O mercado de trabalho reflete as diferenças entre homens e mulheres, mas também reflete as diferenças entre mulheres com e sem filhos. Os dados mostram claramente que no mercado de trabalho se está a penalizar a maternidade”.

Por isso, propõe: “A primeira coisa que se deveria fazer é valorizar a vida e a maternidade, com políticas de apoio. A começar desde antes da gravidez, de forma que quando uma mulher admita a possibilidade de engravidar se sinta apoiada pela sociedade”.

As ajudas económicas são sempre bem-vindas, mas na sua opinião não são o primordial. “No âmbito do mercado laboral, são necessárias medidas como contratos específicos, que protejam as mulheres grávidas. Culturalmente, ajudaria a mudar os comportamentos, porque muitas mulheres, ao engravidarem, sentem a rejeição dos seus companheiros”. Em resumo, “seria necessário recuperar o valor da palavra *maternidade*”.

Entre outras medidas, advoga mecanismos que permitam o “emprego a tempo parcial, com regresso imediato decorrido um ano e sem penalizações remuneratórias, impedindo que as mulheres tenham de sair do mercado de trabalho”. Também acha necessárias “medidas de flexibilização horária que permitam compatibilizar os horários laborais com os familiares, e os calendários escolares com os laborais”, assim como o desenvolvimento do teletrabalho.

B. H. V.

Atitudes que ajudam na transmissão da fé aos filhos

Muitas famílias mostram preocupação pela formação religiosa dos seus filhos e receiam que a sua fé enfraqueça quando se tornarem adultos. Christian Smith, sociólogo e professor na Universidade de Notre Dame, sugere algumas ideias a esse respeito.

Smith tem vindo há mais de vinte anos a estudar a vida religiosa das famílias norte-americanas e quer dar a conhecer algumas das descobertas que tem feito. Os resultados completos do seu trabalho incluem-se num livro intitulado “[Handing Down the Faith](#)”.

“A boa notícia” – explica em artigo publicado na “First Things” (maio de 2021) – “é que, entre todos os fatores que exercem algum tipo de influência na vida religiosa dos filhos, aquele que representam os pais é o maior de todos”. Não é que outras experiências, como a frequência de paróquias ou de escolas confessionais, não tenham a sua importância, mas podem apenas “reforçar a influência parental, não substituí-la nem anulá-la”.

Isso não significa que a prática da fé no seio da família garanta uma transmissão de sucesso. Viver uma determinada crença é uma decisão pessoal. No entanto, “fora de casos excecionais, o que é seguro é que os filhos de pais que não vivem comprometidos com as suas crenças, ou que não se tenham preocupado em ensiná-las, ou são menos religiosos, ou abandonam a fé dos seus progenitores”.

De qualquer forma, a melhor maneira para conseguir que no dia de amanhã os filhos não se afastem da religião é, segundo Smith, que os pais “*sejam eles próprios*: ou seja, que acreditem e pratiquem a sua fé de modo comprometido e fielmente. As crianças não se deixam enganar pelas aparências. Observam a realidade. E quando a realidade é autêntica e vivificante, sentem-se atraídas por ela”.

Além disso, o sociólogo norte-americano avança com ideias interessantes que contribuem para que as crenças ganhem raízes. Em primeiro lugar, refere-se ao “estilo educativo” praticado em casa. Se, por um lado, as atitudes autoritárias “dificultam que os filhos se identifiquem interiormente com os valores familiares”, nem o permissivismo nem a atitude indiferente, que retiram importância ao religioso, tornam possível uma transmissão adequada da fé. “As crianças que têm mais possibilidades de herdar a fé dos seus pais, são aquelas que mantêm com eles relações onde se combina o reconhecimento da sua autoridade com o calor afetivo”.

Em segundo lugar, os pais que conseguem transmitir com sucesso as suas crenças “falam habitualmente com os seus filhos de religião, isto é, comentam aquilo em que acreditam e praticam, o significado da fé na sua vida e por que é importante. Nessas famílias, a religião faz parte do tecido da vida quotidiana”. Desse modo, os progenitores ensinam que as crenças são fundamentais para a identidade familiar e têm a oportunidade de responder às inquietações ou dificuldades religiosas que lhes apresentem os seus filhos.

Por último, Smith refere-se ao que denomina “canalização religiosa”, ou seja, o envolvimento dos filhos em comunidades ou grupos confessionais. O objetivo “é que as crianças se identifiquem com a fé e paulatinamente a vão interiorizando”, ganhando independência em relação à prática dos seus pais. Juntamente com canais mais ou menos formais, é importante que os

pais se preocupem em saber quem são os amigos dos seus filhos, e que “fomentem amizades com aqueles cuja influência é mais positiva”.

Todavia, o sucesso nunca está garantido. Smith aproveita para baixar as expectativas, mostrando que existem muitas circunstâncias que determinam a fé de uma pessoa. “O que os pais podem fazer – na realidade, a única coisa que podem fazer – é praticar a fé que querem que os seus filhos abracem”; e, além de aproveitar as pistas sugeridas, “orar e esperar, porque é Deus quem irá conduzir os seus filhos a uma vida de verdade, bondade e beleza”.

Ensino: falsa alternativa entre memória e competências

Gregorio Luri (Azagra, Navarra, 1955) é um pensador, no melhor sentido da palavra: inquieto, honesto, claro. Filósofo e pedagogo de formação, deu aulas em todos os escalões educativos, desde o primário à universidade. Numa entrevista com ele, focou-se a chamada “abordagem de competências” do currículo, uma expressão de que faz bandeira a última lei espanhola de ensino ([“lei Celaá”](#)).

— *Uma das propostas mais repetidas pela chamada “pedagogia progressista” é a aposta numa educação mais ligada às competências (saber fazer), que se supõe contrária a outra memorística ou centrada nos conhecimentos. Qual é a sua opinião sobre isso?*

— Sinceramente, penso que depende muito do que se entenda por competências. Na nova lei de ensino que, em geral, é bastante vaga, diz-se que as competências são a união de conhecimentos, destrezas e aptidões; isto é, conhecimentos mais hábitos. Eu, perante isso afirmo: ótimo, não tenho nada a objetar. Que se aposte nas competências. Mas terá de se ver, por um lado, se esta é a última palavra do Ministério a esse respeito.

Por outro lado, pode acontecer, como indica, que o ensino fique reduzido ao saber puramente instrumental, ao saber como fazer algo, quando antes disso teremos de decidir o que queremos saber. De facto, a ambição teórica é precisamente o que caracteriza o homem livre. Etimologicamente, a palavra *skholè* significa esse desejo de saber por saber que caracteriza o homem livre, e que qualquer sistema educativo deve cultivar.

Em qualquer caso, acho que o próprio Ministério está bastante confuso sobre aquilo que quer. Além disso, as comunidades autónomas irão decidir metade dos conteúdos, pelo que se terá de esperar pelas regulamentações da lei para ver como se concretizam as competências.

— *Entre as competências mais citadas costumam indicar-se algumas chamadas “transversais”, como o espírito crítico, a criatividade, aprender a aprender ou a capacidade para o trabalho de colaboração, autênticas pedras de toque da “nova escola”. Como levar isso à prática docente? A qual haveria que dar prioridade?*

— Quando se escutam estes termos, tende-se a pensar que faltam ideias claras. Nesse sentido, a Lei Geral de Educação de Villar, de 1970, não sei se era melhor ou pior do que a LOMLOE, mas tinha ideias claras. Todas essas expressões mencionadas são vazias, são puras frases feitas, se não formos capazes, por exemplo, de ensinar a ler. E verifica-se que, com o sistema educativo espanhol atual, um em cada quatro estudantes termina o secundário incapaz de entender um texto minimamente complexo. Então, de que serve falar de “aprender a aprender”? As escolas têm o dever, diria que ontológico, de preencher com conteúdo real essas expressões.

Por exemplo, fala-se muito de pensamento crítico, mas para isso primeiro é necessário o pensamento rigoroso, tal como o entendia Immanuel Kant. Temos de saber – e ensinar – como se cria o pensamento rigoroso. Não basta dizer aos alunos, como fazem muitas vezes os professores, que justifiquem ou raciocinem nas suas respostas. Temos de lhes dar ferramentas para fazê-lo. Trata-se de um problema pedagógico, que nenhuma lei por si mesma soluciona. O aluno que raciocina bem, que estruturas utiliza? Quais não conhece aquele que não raciocina bem? Tem de se chegar a esse ponto de concreção, apoiando-nos no projeto educativo da escola e na autonomia curricular que a lei oferece. Caso contrário, ficamos por frases grandiloquentes mas vazias.

— *Como contrapartida à abordagem das competências, cada vez se fala mais da necessidade de reduzir os conteúdos do currículo. Diz-se, até, que nalguns países com bons sistemas educativos, como a Coreia do Sul, já foi feito, e sem baixar a exigência.*

— Em relação a isto, disseram-se muitas meias verdades. É verdade que, em Singapura ou na Coreia do Sul, o currículo foi reduzido, mas também é facto que partiram de um nível de exigência muito superior ao espanhol. Mesmo depois da redução, continuam a estar claramente acima. Na Coreia do Sul, havia uma autêntica patologia nacional com o currículo. Muitos alunos, quando acabavam as suas aulas, iam para academias privadas de modo a continuar a estudar. E isso trata-se de uma loucura.

Reduzir o currículo tem um sentido didático, que é poder desenvolver passo a passo, e sem perder nenhum estudante, os conceitos necessários para chegar a outro conceito mais global. Por exemplo, para explicar a raiz quadrada, primeiro terei de me assegurar que os estudantes entendem o que é o número quadrado. E o mesmo para a expressão: antes de escrever um texto de duas folhas, o professor deve ensinar a construir frases simples, e a juntá-las corretamente. Assim, o que se perde em extensão, ganha-se em profundidade, e asseguramos que os estudantes não se percam pelo caminho, porque há mais “de-

graus” na aprendizagem, e de menor dimensão. Ora, não faria sentido baixar o currículo para dedicar mais tempo a tarefas de “cortar e colar”, ou fazer murais, sabe como é. Não se deve reduzir o tempo dedicado à instrução direta ou explícita, que foi demonstrado ter muitos benefícios.

— O filósofo francês Francois-Xavier Bellamy salientou no seu livro *“Les Déshérités”* (“Aceprensa”, 25.7.2018) que a escola havia renunciado ao seu trabalho de inculturação pelo medo existente das conotações negativas da palavra cultura (elitismo, tradição), criando gerações de “órfãos culturais”. O sr. publicou há três anos *uma defesa da “imaginação conservadora”* (“Aceprensa”, 11.2.2019). Deverá ser a escola um lugar essencialmente conservador? Que papel deverá ser concedido à memória?

— Um dos objetivos da educação é elevar a cultura comum da população, porque esta constitui a linguagem que nos permite comunicar com precisão. O ser humano não é um ser isolado, faz parte de uma comunidade, e a cultura permite-nos saber de onde vimos e reconhecer-nos num “texto” comum. Por isso, saber quem é Cervantes não é excessivo; ter lido algo de Lope de Vega tão-pouco o é. E, além disso, a verdade é que a redução dos conhecimentos pressupõe implicitamente uma redução da linguagem. A nossa linguagem é a nossa cultura em ato, e se mutilamos a nossa cultura, acabamos por danificar igualmente a linguagem.

Por outro lado, quem ataca o papel da memória na educação, muitas vezes parte de uma imagem simplista e anticientífica do que é a memória, como se fosse um arquivo, algo estático e com tendência para se encher de inutilidades. Mas não. A memória é mais como uma ameiba: à medida que vai fagocitando novos alimentos, vai crescendo e mudando a sua própria estrutura. Isso de nos lamentarmos por tudo aquilo de que nos esquecemos, como se não tivesse valido a pena aprendê-lo, é falso: não se sabe a que conhecimentos deu lugar aquilo que aprendemos em dada altura, mesmo que se tenha esquecido isso depois. Não conheci ninguém que queira ter menos memória do que aquela que tem.

F. R.-B.

“La mesa católica”

“The Catholic Table”

Autora: Emily Stimpson Chapman
CEU Ediciones. Madrid (2021)
210 págs.

“La mesa católica” não é um livro de receitas, embora Emily Stimpson encerre cada um dos onze capítulos com algumas das suas preferidas. Publicado em inglês, em 2016, o ensaio apresenta um olhar teológico sobre a comida, um tema que a autora tem vindo a tratar há mais de dez anos no seu blogue (The Catholic Table) e em diferentes meios de comunicação católicos, e para o qual tem como inspiração autores como João Paulo II – especialmente a sua teologia do corpo – e Leon Kass e a sua obra *“The Hungry Soul”*, entre outros.

A sua reflexão enquadra-se numa visão sacramental do mundo, mas muitas das suas reflexões são interessantes independentemente da fé que cada qual professe. As críticas, no primeiro capítulo, ao modo como os norte-americanos se relacionam com a comida, são aplicáveis a qualquer país ocidental: almoços e jantares a sós, em frente de um ecrã; o *food porn*; a ortorexia, cada vez a aumentar mais, “que implica ter uma obsessão doentia pela alimentação saudável”, ou “definir a virtude em função dos alimentos que comemos”, por exemplo, de tal forma que somos bons se comemos salada e se a salada tiver sido cultivada de modo ecológico.

Também fala claramente sobre os transtornos alimentares: ela própria lutou contra a anorexia ao longo de seis anos e essas batalhas aparecem refletidas nas páginas do livro, sempre no seguimento das suas reflexões, de uma maneira próxima e simples.

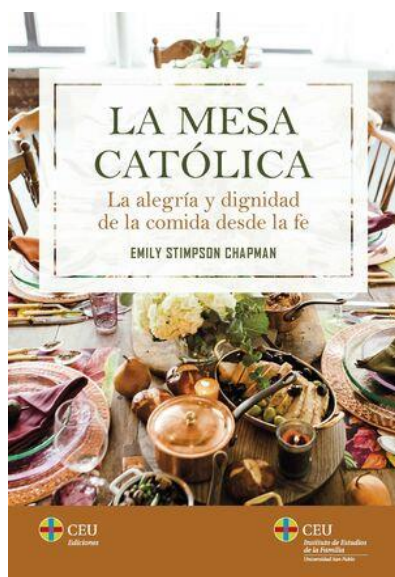
Mergulhados em farinha – nada melhor para o dizer –, quando Stimpson fala do jejum e da gula, mostra o ensinamento milenar da Igreja com profundidade teológica e cintilante capacidade comunicativa, combinação que resulta em páginas cheias de oxigénio. E de risos, porque Emily Stimpson suscita gargalhadas com este livro: não só com as piadas que conta sobre santos e comida, como em múltiplos comentários onde o leitor acaba por conhecer as suas preferências culinárias (“Deus não tinha de fazer com que a comida soubesse tão bem. Tudo poderia ter sabido a terra... ou a beterraba”; “Deus sabia o que fazia quando criou [...] esse fantástico animalzinho que nos proporciona o toucinho, o presunto, o chouriço e a carne de porco”).

Há igualmente ideias práticas para integrar esta teologia da comida no dia-a-dia: preparar um almoço para uma família com um recém-nascido entra dentro do “dar de comer ao faminto”, e um plano de sextas-feiras de “pizza e filme” ou uma degustação

de vinhos ou cervejas podem ser oportunidades maravilhosas de [praticar a hospitalidade](#) (“Aceprensa”, 6.1.2021).

Ler “La mesa católica” dá fome: Stimpson consegue seduzir o leitor e transmitir-lhe o seu olhar próprio sobre a comida – até para quem não esteja especialmente *ligado a panelas* nem interessado nestes temas. E é um livro necessário, porque enfrenta as perguntas importantes sobre a nossa relação com a comida, longe de excessos e defeitos, visto que a mesa cria comunidade e reforça vínculos, convertendo-se numa oportunidade para crescer em virtudes e para desfrutar. Claro, comendo sempre “eucaristicamente”, com gratidão.

L. M. A.



tas. Dá tempo ao filho. Observa-o com atenção para conhecê-lo melhor e aprender a lidar bem com ele. O seu emprego como “limpador de janelas” é precário, já que nem sempre arranja clientes. É competente, honesto e estimado por todos na vizinhança...

Um dia dá-se conta de que possui um cancro já em fase terminal. Inicia então uma corrida contra o tempo para encontrar um lar que acolha o seu filho. Vai contactando as autoridades competentes para adoção e começam a conhecer várias famílias interessadas em receber uma criança... Vai então vindo à tona o que de melhor e pior tem a natureza humana. Pessoas mesquinhas e egoístas, mas também outras bondosas, sinceras, que de forma genuína querem o bem do outro...

No final, o jovem pai toma uma decisão, escolhendo quem soube “descer ao nível” do seu filho e interessar-se por ele, em vez de procurar apenas “receber uma criança para encher um vazio” da sua vida pessoal. Quanto a ele, sente que cumpriu a sua missão. Está em paz consigo mesmo, pois sabe que dele permanecerão essas memórias concretizadas em tantas e tantas atitudes tomadas...

Tópicos de análise:

1. “Dar tempo” vai revelando o que cada um tem de melhor...
2. Quando um objetivo é bom, isso atrai outros a colaborar...
3. Falar de forma sincera e aberta, soluciona os problemas...

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

“Sempre Perto de Ti”

“Nowhere Special”

Realizador: Uberto Pasolini
Atores: James Norton; Daniel Lamont
Duração: 90 min.
Ano: 2020

As histórias que partem de factos reais possuem logo à partida uma força especial, pois a realidade ultrapassa a ficção... Um jovem de 35 anos tem um filho pequeno, com cerca de 3 anos. A mãe da criança abandonou-os e ele esforça-se por ser um bom pai, provando esse empenho em gestos e palavras concre-

